



# A erosão do amor: reflexões sobre o *zeitgeist* em *Copo vazio*

Noah de Aguiar Pinho\* e Altamir Botoso

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Rod. Dourados-Itahum, 12, 79804-970, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. \*Author para correspondencia.  
E-mail: noahdeaguiarpinho@gmail.com

**RESUMO.** Este artigo propõe um estudo da obra *Copo vazio*, de Natalia Timerman (2021), com o objetivo de explorar o entrelaçamento entre literatura e sociedade. Por meio de uma análise dos personagens que permeiam a narrativa, busca-se desvendar os matizes do *zeitgeist* contemporâneo, o espírito difuso que influencia as relações humanas e a construção identitária na atualidade. Considerando que a obra possui traços biográficos e sociais, pretende-se examinar como a narrativa oferece *insights* sobre este espírito emblemático, marcado por desaparecimentos (*ghostings*) e mutações nas dinâmicas afetivas. A relação entre os protagonistas da obra, Mirela e Pedro, é caracterizada pela corrosão do sentimento amoroso, refletindo a efemeridade dos relacionamentos, dos quais o *ghosting* parece ser um sintoma constante e perene. Isso demonstra não apenas a evanescência exterior, mas também das relações no enredo e na dinâmica de interação entre os personagens. Nesse sentido, pode-se vislumbrar uma espécie de capitalismo afetivo nas uniões dos casais, por meio do entrelaçamento entre *zeitgeist* e *ghosting*, possibilitando uma compreensão e problematização de aspectos que abrangem a sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que se estabelece uma relação entre literatura e sociedade.

**Palavras-chave:** Natalia Timerman; *Copo vazio*; *ghosting*; literatura brasileira.

## The erosion of love: reflections on the *zeitgeist* in *Copo vazio*

**ABSTRACT.** This article proposes a study of Natalia Timerman's work *Copo vazio* (2021), with the objective of exploring the interweaving of literature and society. Through an analysis of the characters that permeate the narrative, the aim is to uncover the nuances of the contemporary *zeitgeist*, the diffuse spirit that influences human relationships and identity construction in the present day. Considering that the work contains biographical and social elements, the intention is to examine how the narrative provides insights into this emblematic spirit, characterized by disappearances (*ghostings*) and shifts in affective dynamics. The relationship between the protagonists, Mirela and Pedro, is marked by the corrosion of romantic feelings, reflecting the ephemerality of relationships, of which *ghosting* appears to be a constant and enduring symptom. This demonstrates not only the evanescence of external realities but also the relationships within the narrative and the dynamics of interaction between the characters. In this sense, a kind of affective capitalism can be discerned in the unions of couples, through the intertwining of *zeitgeist* and *ghosting*, enabling an understanding and problematization of aspects that encompass contemporary society, while establishing a connection between literature and society.

**Keywords:** Natalia Timerman; *Copo vazio*; *ghosting*; brazilian literature.

Received on February 9, 2024.

Accepted on June 12, 2024.

## Introdução

Este artigo propõe uma análise da obra *Copo vazio*, da escritora e médica psiquiatra contemporânea, Natalia Timerman (2021), tangenciando literatura e sociedade a partir do contexto do *zeitgeist*, a fim de ilar a compreensão das complexidades do amor hodierno abordado na obra. Assim, a análise fundamenta-se em conceitos como a pulsão de morte e o mal do arquivo derridianos, a compulsão e a repetição de Freud (2022), o capitalismo afetivo de Eva Illouz (2011), dentre outros, os quais influenciam a construção identitária por meio da investigação de um sintoma social, que ressoa como a sombra distante que paira sobre as relações e a identidade na contemporaneidade.

Para abordar a temática proposta, o presente artigo se desdobra em três seções distintas: a primeira, intitulada 'Retrato de vida e obras de Natalia Timerman', destaca informações pertinentes sobre a autora e

suas contribuições literárias; a segunda, intitulada ‘Espírito da época, sinal dos tempos: ponderações teóricas acerca do *zeitgeist*’, tem como objetivo apresentar conceitos teóricos fundamentais que lançarão luz à análise literária em questão. Por fim, a terceira seção, denominada ‘Entrecruzamentos entre literatura e sociedade em *Copo vazio*’, conduzirá uma análise acerca da referida narrativa, explorando as interações complexas entre a produção literária e os contextos sociais que a circundam.

### Aproximações a Natalia Timerman: vida e obras

Natalia Joelsas Timerman é uma escritora e médica psiquiatra brasileira, mestre em psicologia e doutoranda em Letras, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo (USP). Seu primeiro livro, *Desterros* (2017), tece uma intrínseca conexão entre sua vida profissional e a literária, já que a obra se debruça sobre o sistema penitenciário, ao qual dedicou muitos anos de sua trajetória. Destaque no cenário contemporâneo, Timerman foi finalista do Prêmio Jabuti em 2020, com a coletânea de contos intitulada *Rachaduras* (2019). No ano subsequente, a autora apresenta *Copo vazio*, publicado pela Todavia, que se configura como *corpus* de análise deste artigo.

O enredo de *Copo vazio* desvela a vida de Mirela, uma mulher bem-sucedida, incentivada por seu círculo íntimo a explorar relacionamentos *on-line*, numa narrativa que perpassa distintos momentos temporais. Nesse contexto, as fronteiras entre passado, presente e futuros prognósticos tornam-se difusas, refletindo analogamente a dor introjetada na protagonista. Explorando a interseção entre tecnologia e relacionamentos, a narrativa se passa em São Paulo, oferecendo descrições detalhadas que facilitam uma pesquisa abrangente sobre as dinâmicas do amor contemporâneo na paisagem urbana. Ao se envolver em um aplicativo de namoro, Mirela se encanta por Pedro, experimentando ao longo das 140 páginas do livro uma perturbação psíquica significativa após ser submetida ao fenômeno do *ghosting*<sup>1</sup> por parte dele.

A obra *Copo vazio* (2021), à semelhança de *Desterros* (2017), expressa nuances biográficas, já que a autora afirmou que sua obra reflete experiências pessoais, especificamente sua vivência com o fenômeno do *ghosting*, sobre a qual acabou revelando em uma entrevista que a sua narrativa é “[...] uma semente autobiográfica por uma árvore ficcional” (Vilela, 2021).

Ao desvelar a tessitura de sua obra, a escritora engendra o enredo como um reflexo arguto e sensível das intrincadas camadas do amor na contemporaneidade, ressaltando as angústias tenazes entrelaçadas ao fenômeno do abandono. Nesse intrincado entrecruzar de literatura e sociedade, emerge uma temática propícia à exploração por meio da teoria do reflexo, alicerçada na interconexão causal entre a estrutura social e o tecido narrativo. Este enfoque teórico revela-se como uma lente perspicaz para sondar os meandros do *zeitgeist* contemporâneo, delineando as nuances psicológicas e sociais imbricadas na experiência do amor.

### Espírito da época, sinal dos tempos: ponderações teóricas acerca do *zeitgeist*

O termo alemão *zeitgeist*, traduzido como o espírito do tempo, atua como uma manifestação política, cultural e histórica em um determinado período. Relacionar o *ghosting* ao *zeitgeist* não seria despropositado, já que se pode considerá-lo como uma das personificações do referido espírito da época contemporânea. Além disso, as palavras compartilham similaridades etimologicamente, pois *ghost* em inglês tem origens na antiga palavra alemã ‘*geist*’ (Blackburn, 2016), que significa ‘espírito’ ou ‘fantasma’. A obra, pois, se configura como um sintoma social de uma imponente sombra distante que paira sobre as relações e, igualmente, sobre a identidade, ambas em um estado dicotômico de presença desvanecida.

Com base na perspectiva de Derrida (2001), destaca-se o conceito simbólico do *arkhê* para uma compreensão mais profunda do *zeitgeist*. O *arkhê* simboliza o mundo como a “grande casa” da humanidade, exercendo domínio ontológico e nomológico sobre todas as coisas. Essa visão enfatiza a habilidade humana de moldar o globo conforme uma visão específica que requer ser ‘gerenciada’ ou, em outras palavras, ‘atualizada’ ao longo de novos empreendimentos, sejam eles tecnológicos, econômicos, políticos ou científicos, sem que se percam suas memórias históricas.

<sup>1</sup> O vocábulo *ghosting* foi eleito pelo dicionário britânico Collins como uma das palavras do ano de 2015. Derivada do inglês *ghost* (fantasma), o vocábulo tem sido usado para designar uma forma de terminar relacionamentos na era digital em que a pessoa desaparece, tal qual um fantasma, e deixa de responder às mensagens dos aplicativos e redes sociais, eximindo-se de dar qualquer explicação. A profusão de discursos acerca desse vocábulo parece-nos alguns indícios acerca do que se diz sobre os relacionamentos amorosos, num momento histórico marcado prioritariamente pelas tecnologias digitais, bem como sobre as formas de subjetividade que são produzidas a partir desses discursos (Silva & Barbosa, 2016, pp. 265-266).

Assim, a fim de assegurar a supremacia do ser humano como habitante primordial do mundo, ou seja, habitante de sua própria ‘casa’, seria necessário ter consciência da necessidade de reformá-la, submetendo-a a ‘modulações arquitetônicas’ ao longo do tempo. Dessa forma, a humanidade, de maneira metafórica, preserva seu comando sobre sua ‘casa’ sob uma única fundação, representada pelo desejo de permanecer como *homo sapiens*, mesmo que a forma arquitetônica dessa ‘casa’ esteja sujeita a reformas constantes, se adaptando historicamente conforme a evolução da sociedade.

Nas primeiras páginas de *Mal de arquivo*, Derrida (2001) assevera que:

Arkê, lembremos, designa ao mesmo tempo o começo e o comando. Esse nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam – princípio físico, histórico ou ontológico –, mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada – princípio nomológico (Derrida, 2001, p. 11).

Na análise do conceito filosófico desses princípios e comandos conferidos pelo *arkhê*, é crucial estabelecer a capacidade de renovação sem perdê-los essencialmente. Para esse fim, denominaremos a referida capacidade como ‘fundação’. No âmbito da engenharia civil, a estabilidade de uma estrutura é solidificada a partir de sua fundação, um componente estrutural destinado a transmitir eficientemente as cargas inerentes à edificação para o solo de apoio. Neste contexto, as fundações são concebidas para suportar diversas cargas e tensões derivadas dos esforços solicitantes, enquanto o solo, por sua vez, deve absorver tais demandas de forma a prevenir rupturas e salvaguardar a integridade da construção (Sousa et al., 2018).

Em termos concisos, para que o ser humano assegure o domínio do mundo de maneira sólida, é necessário enfrentar a ‘responsabilidade’ de preservar os avanços históricos em sua ‘casa’. Para tanto, ele empreende uma renovação constante, proporcionando: a) a conservação dos progressos históricos; e b) a atualização da compreensão do mundo diante desses avanços. Desta forma, esse fenômeno manifesta suas novas características tanto na esfera privada, dentro da casa, quanto na pública, irradiando para além de seus limites a nova renovação e impactando toda a sociedade. Derrida (2001) denomina esse último caso de ‘domiciliação’, no qual os valores sociais, históricos e culturais de uma determinada época são refletidos de dentro para fora, exercendo uma influência abrangente na sociedade.

Segundo o filósofo francês mencionado anteriormente, é possível constatar que é

[...] nesta domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram. A morada, este lugar onde se de-moravam, marca esta passagem institucional do privado ao público, o que não quer sempre dizer do secreto ao não-secreto (Derrida, 2001, p. 13).

Portanto, ao considerarmos esse *arkhê* no contexto da contemporaneidade, deparamo-nos com ele no ápice do capitalismo, imerso em plenas disparidades tecnológicas e de produtos, resultantes das disputas empresariais. O espírito transitório dessa ‘casa’, fruto de uma reforma completa, revela o *zeitgeist*, que, no contexto atual, é influenciado pelo fenômeno do *ghosting*. Em meio a tantas renovações e descontinuidades, o amor, enquanto manifestação cultural, também sofre influências em sua domiciliação, transformando-se de uma relação de caráter transformador para uma busca de gratificação momentânea, transitória e desvanecida. Essa busca, assemelhando-se à aquisição de um produto, fragmenta não apenas o amor, mas também o indivíduo, conforme afirmava Fromm (2000, p. 21), que descrevia a vivência humana contemporânea como um “[...] eterno cartão de ponto”.

No âmbito dessa circunstância, deparamo-nos com a obra *Copo vazio*, onde os personagens justificam sua presença no limbo. Neste contexto, Pedro desaparece sob o estado murcho de satisfação, ao passo que Mirela experimenta sofrimento quando sua idealização romântica, adquirida de forma imediata por meio de um aplicativo de namoro, se desvanece, vivendo em luto devido à perda de seu produto extraviado.

Esse fenômeno de *ghosting*, personificado nos traços do *zeitgeist*, é revelado pelo conceito de Capitalismo Afetivo, conforme discutido pela socióloga Eva Illouz (2011), que comenta que os

[...] repertórios culturais baseados no mercado moldam e impregnam as relações interpessoais e afetivas, e as relações interpessoais encontram-se no epicentro das relações econômicas. Mais exatamente, os repertórios do mercado se entrelaçam com a linguagem da psicologia e, combinados, os dois oferecem novas técnicas e sentidos para cunhar novas formas de sociabilidade (Illouz, 2011, p. 13).

No contexto das diversas manifestações de sociabilidade, dentro desta domiciliação, o conceito de *arkhê* experimenta uma renovação substantiva em consonância com o *zeitgeist* emergente. Este último é delineado pela efemeridade, traduzindo-se como uma presença fugaz que se dissipa rapidamente, evidenciando, dessa

maneira, um proeminente espírito temporal marcado por sua característica primordial: a efêmera natureza do desaparecimento e da descontinuidade.

Em termos gerais, *Copo vazio* proporciona uma exploração profunda das intrincadas nuances do contemporâneo, destacando a interseção entre a literatura e a sociedade. Logo, a obra supramencionada evidencia a relevância do *zeitgeist* na compreensão da cultura e dos comportamentos atuais.

Esses elementos, entrelaçados com o *zeitgeist* e *ghosting*, e entre outros aspectos considerados pertinentes, serão minuciosamente revisitados e examinados no segmento dedicado à análise da obra à luz fundamental de Chul-Han (2017), Derrida (2001) Freud (2022) e Fromm (2000), constituindo assim o cerne desta investigação.

### Entrecruzamentos entre literatura e sociedade em *Copo vazio*

A obra *Copo vazio*, redigida em terceira pessoa, apresenta-se estruturada em capítulos não lineares, cujas designações mais frequentes são ‘Depois’, ‘Antes’ e ‘Hoje’, orbitando em torno do sofrimento psíquico enfrentado por Mirela diante do relacionamento amoroso com Pedro, culminando em um desfecho marcado pelo fenômeno do *ghosting*. Os capítulos entrelaçam-se de maneira a refletir a própria desintegração da protagonista diante de seu abalo, seja pela não linearidade das narrativas, pelo emprego de elementos que vão se tornando mais complexos com o desenrolar dos eventos narrativos e pela intensidade obsessiva e paranoica diante de seu abandono.

Antes de conhecer Pedro, entretanto, Mirela é apresentada como uma arquiteta de êxito, laureada com um prêmio de arquitetura por seu desempenho notável durante sua formação acadêmica, gozando de independência desde os seus 23 anos. No percurso de uma narrativa que revela uma vida repleta de conquistas, apresentada aos leitores desde as páginas iniciais, Mirela depara-se com a influência persuasiva de Marieta, sua irmã, a adentrar em um aplicativo de relacionamentos, o qual, inicialmente relutante, a protagonista concebe como um catálogo de pessoas:

Marieta, a irmã, foi quem a convenceu a usar o aplicativo. Mirela achava de extremo mau gosto a ideia de se disponibilizar num catálogo de pessoas para, em troca, ter acesso a outro. Você está maluca, Marieta, isso é ridículo. Imagina se um cliente me vê? A irmã, mais nova e mais leve, ria, chamava Mirela de boba e antiquada, hoje em dia é a coisa mais normal do mundo, você tem que começar a viver no nosso tempo aí quem sabe leva menos a ferro e fogo estar com alguém (Timerman, 2021, p. 13).

O trecho destacado revela a influência persuasiva exercida por Marieta sobre sua irmã, Mirela. Evidencia-se que a hesitação expressa por Mirela, ao afirmar que considerava ‘de extremo mau gosto’ esse ‘acesso a outro’, denota uma busca autêntica e, em certa medida, romântica por parte dela. Entretanto, essa inclinação é justificada perante sua irmã como uma estratégia para preservar sua carreira, afastando-a dos potenciais holofotes que um aplicativo de relacionamentos poderia ocasionar. Possivelmente, essa postura visa manter discretamente oculto seu desejo íntimo de se relacionar e se envolver com o outro, relegando-o a segundo plano diante de sua carreira.

Por outro lado, Marieta percebe o posicionamento velado da irmã ao sugerir que Mirela deveria ‘levar menos a ferro e fogo’ os relacionamentos. Ao utilizar uma figura de linguagem que denota intensidade, ‘ferro e fogo’, Marieta indica que sua irmã deveria compreender que os relacionamentos contemporâneos demandam uma abordagem mais leve, destacando a discrepância entre a natureza intensa de Mirela e o perfil mais descontraído e descompromissado de Marieta. Neste contexto, é possível observar que Marieta parece estar mais sintonizada com a abordagem contemporânea dos relacionamentos, assumindo a posição de ‘guru’ para com sua irmã, a quem deveria instruir sobre como adaptar-se – ou ‘circuncidar-se’ – à modernidade, ao *zeitgeist* contemporâneo, de acordo com o que é evidenciado na passagem: “[...] você tem que começar a viver no nosso tempo” (Timerman, 2021, p. 13).

Conforme delineado por Derrida (2001), a circuncisão é um conceito de inscrição metafórica, que ele denomina como um ‘exergo’. Trata-se de uma inscrição do humano sob uma formatação social e histórica específica. Inspirado na premissa judaica, o filósofo francês propôs uma abordagem desconstrutiva que confere um peso mais simbólico e performativo a essa formatação. Assim, ao ‘circuncidar-se’, compreende-se que, a partir de uma perspectiva mais coletiva, realiza-se uma marcação *in actu* pelo *zeitgeist* de uma época, garantindo uma marca indelével nos indivíduos ou nas sociedades envolvidas. Dentro do contexto de *Copo vazio*, pode-se fazer uma referência a Marieta como alguém ‘circuncidada’ pelo *zeitgeist* de seu tempo,

à moda do relacionamento etiquetado, trivial e descompromissado, no qual sua função é transmitir, nas palavras de Derrida (2001, p. 47), uma “[...] herança fechada [...]” a sua irmã, Mirela.

Analogamente ao pensamento derridiano, Mirela aparenta, a princípio, confrontar-se com a posição de sua irmã por estar circuncidada por outra característica, ainda mais antiga, que guarda semelhança com os preceitos do amor cortês seguido do ideal feminino. Nesse contexto, o amor desejado pela protagonista demandaria um início poético e casual, sob a forma de uma ordenação do destino. Possivelmente, esse sentido provenha de Mirela ser mais velha que sua irmã, o que a coloca sob a influência de outra inscrição sobre relacionamentos. Logo, compreende-se que considerar o início de um relacionamento como ‘poético e casual’ revela uma oposição em relação à perspectiva da irmã que, pelo uso do aplicativo, os posiciona como sendo opostos: prosaicos e planejados.

Com o propósito de evitar a escolha consciente entre as duas opções apresentadas, Mirela integra as duas circuncisões em uma nova, promovendo uma reflexão acerca das circuncisões ao passo que contribui para a ampliação desta análise literária: a) as circuncisões primárias não são facilmente desconstituídas, haja vista que estão enraizadas na identidade psicológica; b) podem ser mescladas e confundidas com outras, a fim de experimentar outras satisfações sob a mesma formatação primária, que seria nutrida indiretamente. Desse modo, Mirela adere à proposta de sua irmã, camuflando a abordagem do amor prosaico e planejado sob a égide de um amor colossal.

Após cadastrar-se no aplicativo e eleger Pedro como seu amado – ou melhor, ‘senhor’, à maneira do amor cortês – Mirela passou a delinear uma crescente dependência emocional durante os diálogos e expectativas, mesmo diante da ausência de compatibilidade física e íntima entre ambos. Nesse contexto, pondera-se que não foi necessário conhecê-lo completamente para ‘amá-lo’, haja vista que ela já havia declarado a si, de modo irrevogável, e em um *click*, seu ‘amado’, revelando, assim, a dinâmica vertiginosa do amor contemporâneo diante das circuncisões, conforme evidenciado no trecho em questão, antes do primeiro encontro:

No fim da tarde, Mirela escreveu perguntando se estava tudo certo. Pedro demorou duas horas e meia para não responder nada e ela tentar telefonar. Pedro não atendeu. Mirela voltou andando do trabalho para casa. Claro que aquilo não podia dar certo. Queria chorar no banho com pena de si (Timerman, 2021, p. 18).

O excerto revela ansiedade diante da ‘desconexão’ entre os dois, o que, no caminhar solitário de volta à sua casa, desencadeou a autocomiseração. Na decepção romântica que Mirela nutria em relação a Pedro, sempre ancorada na ‘fantasia’, torna-se evidente a contrapartida do vazio, tanto no amor quanto na correspondência. Em outras palavras, ‘vislumbra-se seu copo vazio’. Apesar de vivenciar um sofrimento genuíno, este não está voltado para Pedro, mas sim para a frustração narcísica decorrente da expectativa de se enxergar como protagonista de uma história de amor. Logo, o que ela almejava era apenas a consumação imagética de Pedro, à semelhança de um produto, em sua ilusão empacotada.

Posteriormente à frustração, ocorre a consumação do primeiro encontro, o qual, ao desvelar o beijo e expor a ausência de uma química palpável entre ambos, Mirela sobrepôs a extensão do seu potencial amoroso, sob o simulacro de sua fantasia:

Um beijo desencaixado, picotado, sem maciez nenhuma, estranho, pequeno para a boca dela, Mirela sentiu, mas gostou tanto daquele beijo ruim como se ele fosse bom. Seus corpos mais próximos, a alegria leve do álcool, mais cerveja, mais beijos, sempre desajustados, mas não tinha importância, Mirela o poderia amar profundamente mesmo assim [...] (Timerman, 2021, p. 28).

O beijo descrito revela-se tecnicamente imperfeito, caracterizado como ‘desencaixado’, ‘picotado’, ‘sem maciez nenhuma’, ‘estranho’ e ‘pequeno para a boca dela’. Essa descrição sugere uma primazia da fantasia em detrimento da realidade, a qual, potencializada pelo consumo de álcool, intensifica o efeito quimérico. Além disso, a sobreposição do desejo narcísico em detrimento da conexão dual indica que o processo de enamoramento adquire uma notável aceleração por meio da adesão ao contrato *on-line*. Nessa perspectiva, a otimização das imagens dos envolvidos reduz de maneira significativa o tempo necessário para a vivência da união, aspecto que se torna ainda mais exacerbado no caso de Mirela, imersa no contexto do amor cortês. Esse fenômeno culmina na formação rápida e, por vezes, efêmera de conceitos pré-concebidos sobre o Outro, relegando à superficialidade as bases necessárias para uma compreensão mais genuína e substancial do parceiro.

Nas páginas iniciais de *Agonia de Eros*, Chul-Han (2017) argumenta que a contemporaneidade anuncia o declínio do amor devido à abundância de escolhas, à multiplicidade de opções e à coerção da otimização,

resultando na erosão do Outro. Este Outro ‘desvanece’, ignorando profundamente sua assimetria, sendo absorvido pelo consumismo imediato de um amor rotulado e pronto, o que exclui a alteridade atópica em prol do consumo objetificante. Nesse microcosmo de reflexão, Mirela, imbuída na busca incessante pela imagem de Pedro, ressoa nas reflexões de Chul-Han (2017) acerca da erosão do amor na era da profusão de escolhas e da obsessão pela otimização: Pedro evidencia-se como uma complementaridade otimizada e imagética, resultante de uma escolha simétrica para ocupar o cargo narcísico do amor ideal. Logo, ele se configura como um objeto ou adereço, alinhando-se cuidadosamente aos desejos de Mirela, tornando-se um elemento que atende às expectativas de sua consumidora.

Entretanto, a esperança da protagonista é frustrada, pois Pedro não responde de imediato, desaparecendo gradativamente e diminuindo a importância atribuída a Mirela até, enfim, praticar o *ghosting*. Dessa forma, ao longo do desenrolar da narrativa, Mirela enfrenta um sofrimento descompassado, evidenciado pela repetição do abandono, como exemplificado nas primeiras páginas do primeiro capítulo ‘Depois’. Esse capítulo, situado temporalmente 10 anos após o evento, retrata o reencontro de Mirela com Pedro em um supermercado, onde ela está acompanhada de sua filha. Essa alusão temporal ressalta a persistência do impacto emocional de sua história, sublinhando a complexidade das relações humanas e o prolongado efeito do abandono experimentado por Mirela:

[...] por quantos anos Mirela não terá esperado aquele instante, imaginando que encontraria Pedro em sua casa, na casa dele, numa praça, em outra cidade, outro país, numa praia quase vizinha, mas nunca diante da prateleira dos produtos de limpeza do mercado perto de sua casa (Timerman, 2021, p. 11).

No referido trecho, destacam-se palavras-chave como ‘anos’, ‘esperado’ e ‘imaginando’, delineando um forte sentido de antecipação e anseio persistente. Mirela, ao longo de um extenso período, tem aguardado por este momento, revelando um desejo duradouro e constante. O verbo ‘imaginando’ sugere que tal anseio se desvela predominantemente no reino da fantasia de Mirela. A personagem, neste contexto, encontra-se nitidamente imersa em um processo de repetição – interpretação esta que pode ser discernida como uma expressão do desejo inconsciente de Mirela, extrapolando as amarras do tempo e do espaço.

Dessa maneira, torna-se plausível inferir que os capítulos extrapolam e mesclam as fronteiras temporais e espaciais, devido a essa transcendência repetitiva que se reitera. Além disso, a diversidade de cenários imaginados por Mirela sugere uma tentativa de preencher um vácuo, lacuna ou ‘vazio’. A protagonista fantasia de maneira recorrente sobre o encontro com Pedro em locais diversos, seja em sua casa, na casa dele, em uma praça, em outra cidade, em outro país ou em uma praia próxima. Nesse sentido, o descompasso ao imaginá-lo em um mercado, mais uma vez, realça um confronto com a realidade, já que o estabelecimento não oferece vislumbres expressamente românticos.

A mencionada repetição, segundo Freud (2022), quando concebida como um ato compulsivo, representa uma manifestação desesperada que persiste em sua busca pela satisfação. Os processos regidos pela compulsão à repetição desempenham a função de vincular a excitação, transformando o objeto de recordação e elaboração psíquica, que em sua essência é desprazeroso, em algo prazeroso. Nesse contexto, a complexidade psíquica de Mirela é evidenciada, pois, apesar do *ghosting* ter sido indubitavelmente desprazeroso para ela devido ao abandono e ao abalo emocional, paradoxalmente, ela parece buscar repeti-lo.

Logo, a busca incessante por um selo romântico revela-se como uma tentativa de preenchimento do vazio deixado pelo *ghosting*, conferindo a Mirela uma satisfação relativa, mesmo diante da dolorosa realidade desse amor fragmentado oferecido por Pedro. Essa dinâmica, permeada pela compulsão à repetição, lança luz sobre as complexas nuances do psiquismo de Mirela, demonstrando como a mente busca incessantemente reconstruir e transformar experiências desprazerosas em narrativas psíquicas que possam ser assimiladas e, de certa forma, ressignificadas. Ademais, evidencia-se que, em muitos casos, as repercussões do *zeitgeist* e da circuncisão incidem diretamente sobre o aparelho psíquico e os processos de repetição.

E no que tange a Pedro, incumbe à nossa análise literária desvelar a complexidade do personagem à luz do fenômeno do *ghosting*, desvendando os possíveis motivos que o instigaram a perpetrá-lo. No entanto, muito pouco foi efetivamente dito sobre ele, uma vez que o narrador se concentra em Mirela. Assim, Pedro é, praticamente, um desconhecido, tanto para Mirela quanto para o leitor. Entretanto, é possível vislumbrar, considerando o que entendemos do espírito do tempo contemporâneo nesta análise, que ele pode ter recorrido ao *ghosting* após a satisfação de seu prazer, conceito estabelecido por Erich Fromm (2000) como união orgiástica. Para o pensador frankfurtiano, a união orgiástica é uma forma de representação de ‘amor’

que, transitoriamente, exerce uma sensação de “[...] personalidade total, espírito e corpo [...]” (Fromm, 2000, p. 16), por meio de uma fusão rápida com o outro, já que

[...] esse desejo de fusão interpessoal é o impulso mais poderoso que há no homem. É a paixão mais fundamental, é a força que mantém junta a espécie humana, o clã, a família, a sociedade. Não conseguir realizá-la significa loucura ou destruição [...] (Fromm, 2000, p. 23).

A mencionada união orgiástica proporciona, assim, um vínculo à sociedade, mediado conforme o tempo avança e renova o *arkhê*, liberando o *zeitgeist* para a domiciliação. Nesse contexto, o contemporâneo, conforme discutido previamente no presente artigo, tem progressivamente priorizado o consumo do prazer em detrimento da realização íntima e duradoura com o outro. Diante desse cenário, Pedro pode ser considerado como um dos instrumentos que contribuem para a construção da união orgiástica na esfera do espírito do tempo, cuja reação natural leva ao *ghosting*, uma vez que, após a fusão rápida e profunda com Mirela, Pedro se desvincula dessa ligação, assemelhando-se à dinâmica macroestrutural imposta pelas relações econômicas sobre os relacionamentos, instaurando uma forma de sociabilidade intensa, porém efêmera.

Dessa forma, o embate na relação entre Pedro e Mirela, bem como suas expressões em nome do amor, revela-se de modo impactante em uma troca de mensagens no capítulo ‘Hoje’, no qual subitamente, Pedro restabelece um efêmero contato com Mirela, enviando-lhe uma foto de seu órgão genital, após expressar intensa saudade por ela, declarando sentir “[...] saudade, vontade muita” (Timerman, 2021, p. 93). No entanto, sua efusão de saudade é passageira, pois logo após a troca de fotos, Pedro desaparece novamente, conduzindo Mirela a um estado de vulnerabilidade emocional: “[...] deitada, o quarto escuro iluminado apenas pelo brilho do celular, ela chora diante da fotografia do pau de Pedro” (Timerman, 2021, p. 95).

O trecho em destaque descreve uma cena íntima e vulnerável, já que Mirela chora diante da fotografia do pênis de Pedro. Essa reação sugere uma resposta emocional intensa à imagem, que desnuda a circuncisão romântica de Mirela, abalada, enquanto Pedro satisfaz a sua união orgiástica. Este contraste evidencia de forma nítida e violenta a dinâmica do relacionamento dos dois sob o influxo tecnológico, delineando as expectativas de ambos para com a relação que compartilham, sugerindo uma profunda reflexão sobre os padrões de relacionamento moldados pelos tempos modernos. Neste sentido, ambos caminham em direção ao *zeitgeist*, embora o façam sob prismas distintos.

Assim, o que a recente renovação do *arkhê*, proporcionada e domiciliada em sua nova arquitetura, em seu novo espírito do tempo, representa é a perda do amor assimétrico derivada pela racionalização do sentimento, conduzindo, desse modo, à crise amorosa e à sua erosão, na qual

A libido é investida primordialmente na própria subjetividade. O narcisismo não é um amor próprio. O sujeito do amor próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro em benefício de si mesmo. O sujeito narcísico, ao contrário, não consegue estabelecer claramente seus limites. Assim, desaparecem os limites entre ele e o outro. O mundo se lhe afigura como sombreamentos projetados de si mesmo. Ele não consegue perceber o outro em sua alteridade e reconhecer essa alteridade. Ele só encontra significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo. Vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo (Chul-Han, 2017, p. 7).

Associar a libido à investidura da subjetividade narcísica conduz à projeção do outro como extensão do ‘si’, impossibilitando a alteridade. Assim, o mundo deixa de ser uma coabitação mútua para tornar-se, por meio das projeções narcísicas, uma extensão unívoca de ‘si mesmo’. Esse processo conduz os indivíduos envolvidos, a saber, Mirela e Pedro, em nossa análise, a se extraviarem em suas próprias sombras, em suas próprias águas, promovendo a auto-obsessão e culminando eventualmente na auto-destruição, sendo esta última mais claramente observada em Mirela.

Assim, a crise amorosa e a erosão do outro resultam naquilo que Derrida intitulou como pulsão de morte, o mal de arquivo, dando uma nova envergadura à teoria freudiana, ao possibilitar observar que a memória do amor estaria sujeita a um apagamento em sua essência mais fundamental, já que “A pulsão de morte tende assim a destruir o arquivo hipomnésico, quando não a disfarçá-lo, maquiá-lo, pintá-lo, imprimir-lo, representá-lo no ídolo de sua verdade em pintura” (Derrida, 2001, p. 23).

Por meio da abordagem do conceito de ‘arquivo hipomnésico’, emerge a compreensão do amor debilitado, cuja subjugação ocorre em simulacros otimizados, com o propósito de alcançar um consumo efêmero e gratificante. Este fenômeno habilmente se dissimula sob uma oferta estética, desencadeando, conseqüentemente, ramificações psíquicas que o relegam à invisibilidade e ao silêncio, metamorfoseando-se, por fim, em uma tonalidade acinzentada pela efervescência letal do apagamento da memória amorosa. Esta, por sua vez, é substituída por uma representação mais prosaica, afinada com os códigos mercadológicos.

Assim, a dinâmica amorosa entre Mirela e Pedro delinea-se como um terreno mortífero, onde o sujeito narcísico é retratado em múltiplos matizes pelos personagens, objetivando a satisfação de suas projeções, seus simulacros e circuncisões. Este processo, de natureza compulsiva, repete-se em uma tentativa desesperada, perseverando na busca pela satisfação em um contexto cada vez mais vertiginoso e virtual, moldando, assim, o *zeitgeist* contemporâneo e conferindo ao protagonista da contemporaneidade a estampa de um espírito desvanecido.

### Considerações finais

No desolador cenário de *Copo vazio*, as páginas delineiam um intrincado mosaico que revela uma relação corroída entre os protagonistas, Mirela e Pedro. Na evocação da interseção entre literatura e sociedade, a obra expõe de maneira perspicaz o intrincado molde do *zeitgeist* contemporâneo, onde a erosão do amor se configura como um eco melancólico e orientado pela compulsão, evidenciado na trajetória de Mirela. Assim, coloca-se à luz os significados das circuncisões simbólicas enquanto se tece uma teia de emoções dilaceradas. Nesta situação, a projeção narcísica e a busca pela consumação efêmera do amor emergem como forças dominantes.

A influência do *zeitgeist*, caracterizado pela proliferação de escolhas, pela busca pela otimização do prazer e pela fragilidade intrínseca das relações, se faz manifesta à semelhança da figura de Pedro. Este último, configurado como um mero espectro, desvanece-se na voragem da união orgiástica. Logo, a narrativa sutilmente sugere que, na incessante busca por satisfação imediata, Pedro, figurando como um membro de um rebanho contemporâneo, adota o *ghosting* como uma estratégia de evasão das relações humanas duradouras.

Neste contexto mais amplo, a interseção entre literatura e sociedade em *Copo vazio* revela-se como um espelho sombrio, permitindo a compreensão das nuances enigmáticas e contraditórias do amor na contemporaneidade, influenciadas pela pulsão de morte. Esta atua como uma força enfraquecedora do amor, manifestando-se no apagamento da memória afetiva e agindo silenciosamente em simulacros sedutores. Assim se delinea o capitalismo afetivo e um espírito de época desvanecido, que, quando verificados por meio da análise da obra, indicam nossa contribuição para a compreensão do *zeitgeist* contemporâneo.

### Referências

- Blackburn, S. (2016). *The Oxford dictionary of philosophy*. Oxford University Press.
- Chul-Han, B. (2017). *Agonia do Eros*. Editora Vozes.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Dumará.
- Freud, S. (2022). *Além do princípio de prazer*. L&M Pocket.
- Fromm, E. (2000). *A arte de amar*. Martins Fontes.
- Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Zahar.
- Silva, F. V., & Barbosa, M. S. M. F. (2016). Até que o ghosting os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. *Calidoscópio*, 14(2), 265-275. <https://doi.org/10.4013/cld.2016.142.09>
- Sousa, Á. A., Vender, K., Marques, A. R., Furquim, G. O., & Araújo Junior, J. L. (2018). *Discutindo o conceito de fundações* [Apresentação de trabalho]. Anais do 3º Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar. Goiás, GO.
- Timerman, N. (2017). *Desterros: histórias de um hospital-prisão*. Elefante.
- Timerman, N. (2019). *Rachaduras*. Quelônio.
- Timerman, N. (2021). *Copo vazio*. Todavia.
- Vilela, A. P. (2021, novembro). *Natalia Timerman fala sobre o livro Copo vazio* [Video]. Entrevista. [https://www.youtube.com/watch?v=L-GAYKD7AGo&ab\\_channel=AnaPaulaVilela](https://www.youtube.com/watch?v=L-GAYKD7AGo&ab_channel=AnaPaulaVilela)